



Como as crianças veem a comunicação¹

Suzana Cunha LOPES²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

“O que é comunicação para você?”. Essa foi a pergunta feita a 18 crianças/adolescentes entre 7 e 13 anos, durante uma aula de jornal escolar ministrada no âmbito do Programa Mais Educação, do Ministério da Educação, em uma escola localizada na periferia de Belém. As respostas foram dadas por meio de desenhos, linguagem compreendida como significativa e própria da criança. Veículos de comunicação como rádio, TV e computador foram recorrentes nos desenhos, mas o aspecto interpessoal da comunicação humana e a relação do homem com o seu meio também são elementos formadores da concepção que as crianças expressaram sobre a comunicação.

Palavras-chave: crianças; conceitos de comunicação; meios de comunicação; comunicação interpessoal.

Uma teia de significados

A palavra comunicação é polissêmica. Mas não se pode reduzir esse fato à simples constatação de que há vários significados para ela nos dicionários. A multiplicidade de concepções sobre a comunicação é, antes de qualquer coisa, a essência desse campo de estudo e é o que a caracteriza como fenômeno social complexo. Façamos um breve percurso por alguns desses conceitos.

A origem latina da palavra comunicação (*communicatio*) remonta ao início do cristianismo e revela que se trata de uma “atividade realizada conjuntamente” (MARTINO, 2001, p. 13), uma “comunhão” (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 157).

De acordo com o contexto histórico em que se desenvolve, a comunicação é vista de uma perspectiva diferente. Os teóricos norte-americanos da *Mass Communication Research* a concebiam como um processo formado por emissor-canal-mensagem-receptor. A Escola de Frankfurt, por sua vez, via a comunicação como fenômeno social marcado pela alienação do público. Mais recentemente, os Estudos Culturais propuseram que a comunicação fosse vista de forma indissociada da cultura, sendo um processo constante de trocas (FRANÇA, 2001).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará, UFPA, email: suzanaclopes@yahoo.com.br.



Se seguirmos esse pensamento de que cultura e comunicação são sinônimos, podemos ter um novo conceito de comunicação quando Clifford Geertz (1989) diz que o homem está imerso em uma teia de significados e que essa teia é a cultura. De alguma forma, nessa metáfora, o antropólogo norte-americano também estaria conceituando a comunicação.

Nas diversas áreas do saber, a palavra também adquire significados diferentes. Na Biologia, é um processo sensorial e nervoso (RABAÇA; BARBOSA, 2001) que faz funcionar os sistemas orgânicos, além de promover a relação dos seres vivos entre si e com o meio. Na Física e na Química, é um fenômeno de transmissão (de energia, calor, etc), uma relação de ação-reação, causa-efeito (MARTINO, 2001). Na Filosofia, “comunicar é simular a consciência de outrem, tornar comum (participar) um mesmo objeto mental (sensação, pensamento, desejo, afeto)” (MARTINO, 2001, p. 23). Na Informática, são transmissões de dados. E, assim, poderíamos encontrar várias formas de pensar e explicar a comunicação³.

Esse preâmbulo é apenas uma apresentação das variadas formas com que a comunicação vem sendo conceituada ao longo da história. De certa forma, um conceito está imbricado no outro e todos constituem a complexidade da palavra comunicação.

“O que é comunicação para você?”

A comunicação é uma atividade onipresente (SANTAELLA, 2000) nos diversos ramos da vida social e faz parte da história de cada um e de todos. Sendo assim, não é necessário ter o título de doutor, ocupar a presidência de uma empresa midiática, ser maior de 18 anos para saber o que é comunicação. Todos a experimentam, portanto, todos, minimamente, possuem uma concepção sobre este fenômeno. Como alega Martino (2001, p. 11-2), “como não saber o que é comunicação, se é através dela, pelo seu exercício, que se desenvolvem atividades como o ensino ou o confronto de ideias”.

Nesse universo social formado por seres humanos que praticam a comunicação a cada segundo, foi escolhido um público específico para empreender o esforço de conceituar a comunicação: as crianças. Nunca ouvidas, mas praticantes assíduas e em desenvolvimento da comunicação, as crianças constroem sua visão de mundo a partir do que apreendem em processos intrinsecamente comunicacionais: relações familiares e

³ Mais concepções sobre comunicação encontram-se nas obras de Martino (2001) e Rabaça e Barbosa (2001).



fraternais, aprendizado escolar, consumo de produtos midiáticos, brincadeiras, dentre outros.

Nesse sentido, o perguntar à criança “O que é comunicação para você?” se justifica pelo fato de que a infância é o período inicial de formação do indivíduo e compreender como a visão sobre a comunicação é formada nessa fase pode revelar tanto a reprodução de concepções consolidadas como a emergência de novos ângulos para se olhar a comunicação.

A tarefa foi aceita por um grupo de alunos da Escola Pedro Carneiro, localizada em um bairro periférico da cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Na instituição de ensino, está se desenvolvendo a oficina de Jornal Escolar, no âmbito do Programa Mais Educação⁴, do Ministério da Educação (MEC).

Devido à deficiência de escrita dos alunos, foi proposta a atividade de responder a esse questionamento não com palavras escritas ou faladas, mas com desenhos, uma linguagem própria da criança, que envolve tanto percepções da realidade e como a imaginação (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2004). O fato de utilizarmos como documento de análise o desenho (em detrimento do texto escrito) não constitui em perdas metodológicas. Pelo contrário, as imagens produzidas pelas crianças permitem outras perspectivas de estudo, considerando aspectos como formas e símbolos.

Ao todo, participaram 18 crianças, de três turmas, que cursam do 2º ao 5º ano do ensino fundamental⁵ e possuem entre 7 e 13 anos de idade⁶. A partir das experiências pessoais de cada um e de algumas indicações dadas em sala de aula, os estudantes elaboraram desenhos que representam a visão que possuem sobre a comunicação.

Este artigo não tem o objetivo de apresentar constatações resultantes de um estudo metodologicamente estruturado, e sim de compartilhar uma experiência de sala de aula que permitiu à autora refletir sobre como a criança formula seu conceito de comunicação, no contexto da difusão de novas tecnologias comunicacionais.

A criança e a comunicação

⁴ O Mais Educação é um programa do Governo Federal que visa à manutenção do aluno em período integral (manhã e tarde), na escola. Para tanto, são ofertadas oficinas, ministradas por voluntários, com atividades as mais diversas: plantação de horta, desenvolvimento das artes cênicas, musicais e artístico-visuais, montagem de um jornal ou de uma rádio na escola, etc. Ver mais informações em: www.mec.gov.br

⁵ No novo sistema de ensino fundamental de 9 anos, o período do 2º ao 5º ano, equivale às antigas 1ª a 4ª séries.

⁶ A faixa etária majoritária é de 7 a 10 anos, contudo, três crianças/adolescentes possuem, cada uma, 11, 12 e 13 anos. São alunos que estão atrasados, se considerarmos o período regular do ensino fundamental. Optou-se por mantê-los já que eles estão nas mesmas séries que os demais.



O indivíduo começa a se comunicar desde o ventre materno. Com linguagens biológicas, a criança dá sinais à mãe de que está com saúde ou se há algo de errado. Quando nasce, o choro é a anúncio de que está chegando ao mundo um novo ser humano. Nos primeiros meses de vida, os olhos esbugalhados, o sorriso e, claro, o choro são estratégias comunicativas constantes. Ao longo de sua infância, a criança vai desvendando novas linguagens, como a oralidade, os gestos, a brincadeira e outras atividades motoras. O desenho é uma delas.

A partir dessas linguagens, as crianças interagem com seus familiares, amigos, professores e com o seu ambiente. Esse processo de conhecimento do mundo é essencialmente comunicativo e imprescindível para o desenvolvimento da criança.

Além da comunicação interpessoal, faz parte do universo infantil a comunicação midiática. Aos poucos, a criança vai interagindo com livros, programas de televisão, desenhos animados, quadrinhos, músicas, enfim, produtos midiáticos elaborados especialmente para elas.

A socióloga Maria Luiza Belloni (2009) confere aos meios de comunicação o caráter de agentes socializadores das novas gerações. Nesse sentido, comungam com a família e a escola a missão de educar a criança e integrá-la à sociedade.

As mídias, produtos tecnológicos muito sofisticados, se tornaram dispositivos altamente eficazes de socialização, impondo-se às crianças e aos adolescentes, como presenças e personagens importantes em seus universos de socialização, seu mundo vivido, seu cotidiano, meio-máquinas, meio-“pessoas” e, por consequência, atuando poderosamente na formação das novas gerações, como dispositivos de moldagem, de adaptação de corpos e mentes às necessidades e à lógica da sociedade líquida, radicalmente moderna, de consumidores. (BELLONI, 2009, p. 64)

Apesar da crítica extremada à mídia, a pensadora reflete sobre a importância dos meios de comunicação no processo de desenvolvimento das novas gerações. É fato que, para o bem ou para o mal, eles estão presentes no cotidiano das crianças. É preciso que os pais tenham consciência disso para que possam dialogar melhor com os filhos, antes de proibi-los de ou permitir-lhes ver, ouvir, ler qualquer coisa.

Os educadores, nas escolas, também precisam ter clareza dessa influência midiática tanto para gerar discussões críticas em sala de aula quanto para tomar os meios de comunicação como aliados e torná-los instrumentos pedagógicos para a melhoria da qualidade da educação escolar.



Por fim, os profissionais e pesquisadores da comunicação necessitam despertar para um olhar mais apurado em relação às crianças. Não pensá-las apenas como público consumidor dos programas de televisão e da indústria editorial. Tampouco concebê-las como pobres ingênuas que aceitam e gostam de qualquer coisa que seja minimamente colorida e animada.

Os produtos midiáticos e as ações comunicativas (como oficinas, cursos, etc.) voltadas para o público infantil precisam estar à altura das crianças, no sentido de que precisam ser estudadas, bem elaboradas e, principalmente, conscientes da posição ativa e sincera (por isso, exigente) das crianças nos processos de comunicação.

Como conceitua a antropóloga Denise Cohn (2005), a criança é um ser atuante e produtor de cultura:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças. (COHN, 2005, pp. 27-8)

Assim como a educadora Márcia Gobbi (2009) reflete sobre a ausência de pesquisas na área da Educação que coloquem como protagonistas as crianças, podemos verificar que, apesar de existir pesquisas que convergem os temas comunicação e infância, esses estudos possuem abordagens “adultas” demais. Isso quer dizer que são estudos que colocam a criança em posição de inferioridade, aquela que é influenciada pelos meios de comunicação. São os olhares dos crescidos e amadurecidos sobre os pequenos. “Nós adultos falamos sobre elas [as crianças], sem contudo ouvi-las ou mesmo enxergá-las em suas produções, [...] nosso conhecimento sobre as crianças de um modo geral ainda é muito pequeno” (GOBBI, 2009, p. 86).

Fazem falta, portanto, pesquisas que valorizem o ponto de vista da criança, que permitam que elas se expressem e que a concebam como produtoras de cultura na sociedade.

Os desenhos

Depois de tudo que foi exposto, fica claro que o pressuposto desse estudo é que as crianças têm muito a compartilhar com os adultos, devido ao seu olhar apurado, sua criatividade e sinceridade.



Foi com esse pensamento que a autora deste artigo propôs que, em uma experiência de sala de aula, as crianças se debruçassem sobre a atividade do desenho para resumirem o que, para elas, é comunicação.

Optou-se pela linguagem do desenho devido à dificuldade de escrita de alguns alunos, apesar de já estarem em séries em que, supostamente, o estudante já teria desenvolvido minimamente a habilidade e a competência de leitura e produção textual. Mas esse diagnóstico, apesar de problemático, não constituiu problema, pelo menos para a proposta da atividade. Pelo contrário, o uso da linguagem visual permitiu que as crianças expressassem, de forma incomparável, conceitos que a escrita talvez não desse conta.

Pillar (1996) acredita que o desenho não é produto do acaso, mas revela aspectos culturais. Ou seja, ao rabiscar, as crianças impregnam marcas de seu tempo e espaço social. Gobbi (2009, p.71) ainda afirma: “O desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados vividos, desejados”.

Além disso, os desenhos nos ajudam a conhecer melhor as crianças, por meio das percepções que elas mesmas expressam sobre a realidade. Sem contar com o aspecto da criatividade, pautado no imaginário, que lhes permite desenvolver produções únicas (GOBBI, 2009).

[...] ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo. E, quando se apropria das convenções do desenho, a criança está aprimorando esse sistema de representação gráfica. Isso não quer dizer que ela deva representar os objetos de um modo mimético, mas que, em sua interpretação do espaço, ela pode valer-se de recursos ilusórios, tal como um artista” (PILLAR, 1996, p. 51)

Nesse sentido, como será possível verificar nos desenhos produzidos, os elementos contexto social e imaginação complementam-se para dar significado à palavra comunicação.

Comunicação: dos instrumentos às relações

Na segunda aula da oficina de Jornal Escolar, foi lançada a pergunta “O que é comunicação para você?” a estudantes de três turmas do projeto Mais Educação: turma 1 (composta por alunos dos 2º e 3º anos do turno da manhã, que tem entre 7 e 11 anos),



turma 2 (composta por alunos dos 2º e 3º anos do turno da tarde, que estão na faixa etária de 7 a 13 anos) e turma 3 (composta por estudantes dos 4º e 5º anos do turno da manhã, com idade entre 8 e 10 anos).

Em cada turma, o questionamento foi feito de uma forma diferente. Na turma 1, fez-se a pergunta sem uma explicação prévia do que é a comunicação. Na turma 2, antes aplicar a atividade, foram mostrados dois vídeos⁷ que remetem ao conceito de comunicação. E na turma 3, além dos vídeos, foi feito um apanhado histórico dos processos comunicacionais (desde os desenhos das cavernas até a internet), para só depois propor a pergunta.

O número de desenhos coletados varia de acordo com a turma. As turmas 1, 2 e 3 produziram, respectivamente, 9, 6 e 3 trabalhos. Essa diferença na quantidade de desenhos se deu pela presença de mais ou menos crianças no dia em que a atividade foi passada em cada turma.

Criando categorias que identificam os elementos ou os conjuntos de elementos desenhados, foi possível verificar quais os principais símbolos que representam a comunicação para as crianças. Nas Tabelas 1, 2 e 3 estão listadas as categorias e a frequência delas nos desenhos de cada turma.

Tabela 1 - Elementos desenhados pelas crianças da turma 1

Elementos ou conjuntos de elementos desenhados	Frequência
Elementos da natureza (sol, árvore, flor)	6
Pessoas	5
TV	5
Computador/laptop	4
Telefonia móvel	4
Caderno/papel	3
Espaços de convivência (igreja e lar)	3
Rádio	3
Carta/correios	2
Meios de transporte/trânsito	2
Coração	1
Veículos impressos (jornais, revistas e livros)	1
Telefonia fixa (aparelhos residenciais e orelhões)	0
Outros	1
Elementos não identificados	7
Linguagem escrita	0

Tabela 2 - Elementos desenhados pelas crianças da turma 2

Elementos ou conjuntos de elementos desenhados	Frequência
---	-------------------

⁷ Os vídeos podem ser acessados nos links: <http://www.youtube.com/watch?v=7eaxsg5-lbY> e <http://www.youtube.com/watch?v=KOspn9tCsV4>.

Telefonia fixa (aparelhos residenciais e orelhões)	6
Computador/laptop	6
Caderno/papel	3
Carta/correios	1
Coração	1
Meios de transporte/trânsito	1
Pessoas	1
Telefonia móvel	1
Veículos impressos (jornais, revistas e livros)	1
Elementos da natureza (sol, árvore, flor)	0
Espaços de convivência (igreja e lar)	0
Rádio	0
TV	0
Outros	2
Elementos não identificados	4
Linguagem escrita	1

Tabela 3 - Elementos desenhados pelas crianças da turma 3

Elementos ou conjuntos de elementos desenhados	Frequência
Veículos impressos (jornais, revistas e livros)	6
Computador/laptop	4
Rádio	3
Telefonia móvel	3
TV	3
Meios de transporte/trânsito	2
Telefonia fixa (aparelhos residenciais e orelhões)	2
Carta/correios	1
Caderno/papel	0
Coração	0
Elementos da natureza (sol, árvore, flor)	0
Espaços de convivência (igreja e lar)	0
Pessoas	0
Outros	0
Elementos não identificados	0
Linguagem escrita	3

A partir das quantificações feitas, podemos fazer algumas reflexões. Percebe-se que as metodologias utilizadas em cada turma podem ter influenciado na concepção de comunicação que as crianças retrataram nos desenhos. Na turma 3, por exemplo, em que foi feito um preâmbulo sobre a história da comunicação no mundo, observa-se que a comunicação é pensada a partir de seus variados suportes. São recorrentes, elementos como o jornal impresso, o computador, o rádio, o celular e a TV (ver Figura 1).

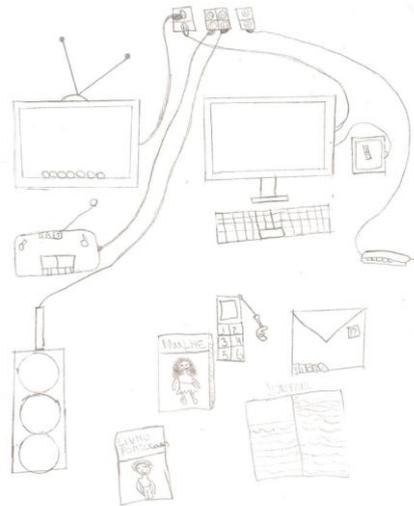


Figura 1 - Os meios de comunicação (turma 3)

A turma 2, que assistiu a dois vídeos curtos sobre o desenvolvimento da comunicação, teve como elementos mais frequentes o celular e o computador. E a turma 1, por sua vez, que não recebeu explicação introdutória, fez desenhos contendo muitos elementos da natureza e pessoas, mostrando uma visão de comunicação mais ampla e relacional, ou seja, pautadas nas relações entre os homens e destes com seu meio.

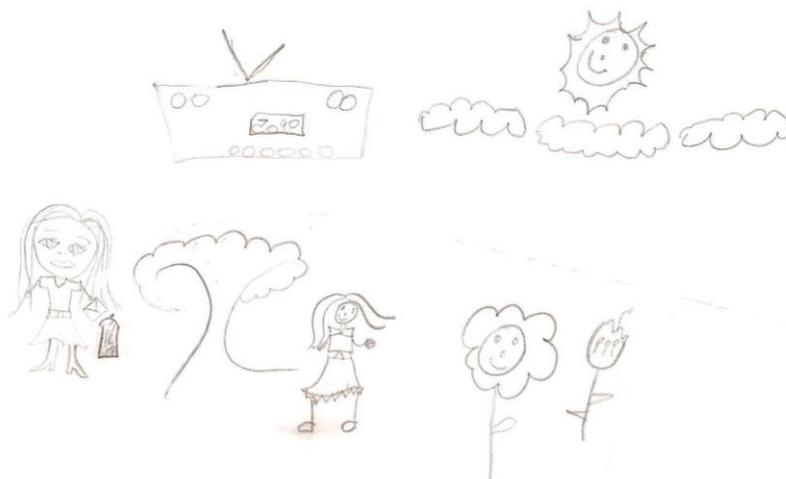


Figura 2 - Natureza e pessoas são o foco (turma 1)

Uma peculiaridade da turma 3, foi a presença da escrita em todos os desenhos. Por serem de séries mais avançadas e terem um domínio mínimo da grafia das palavras, as crianças, além de fazerem desenhos mais bem definidos, nomearam tudo o que desenharam, inclusive tentando reproduzir formas e conteúdos da realidade, como é exemplificado na Figura 3.



Figura 3 - Uso da palavra escrita para identificar os desenhos (turma 3)

Observa-se também que tecnologias mais recentes como o computador e o celular são frequentes nos desenhos das três turmas (Figura 4). Retomando as ideias de Gobbi (2009) e Pillar (1996), as produções gráficas das crianças refletem o contexto social em que estão inseridas, no caso, a sociedade em rede, o “admirável mundo novo” (ESTEFENON; EISENSTEIN, 2008, p. 11) da cibercultura, da mobilidade e da interatividade.

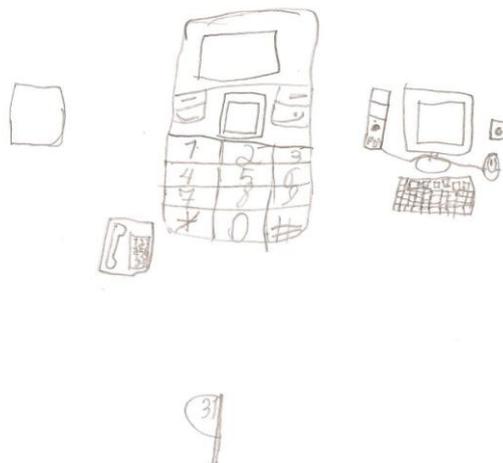


Figura 4 - Novas tecnologias da comunicação (turma 2)

Mas nem só a realidade objetiva, pragmática e palpável da comunicação é visualizada nos desenhos. Apesar de serem menos frequentes, as imagens sobre relações humanas (a presença das pessoas), afetividade (expressa pelo símbolo do coração), comunicação via cartas (meio que perdeu espaço entre os jovens para o correio

eletrônico, mas ainda assim é lembrado pelas crianças), natureza (sol, flor, nuvens, etc.) revelam um olhar sensível sobre o mundo, a ponto de ver comunicação nos pequenos detalhes, no contato interpessoal.

Um desenho que chama atenção por ser bastante diferente dos demais é o reproduzido na figura 2. Quando questionado sobre o que significavam aqueles elementos, a criança, de 8, com ar de obviedade, explicou que na igreja existe a comunicação entre o homem e Deus; em casa, comunicamo-nos com a nossa família; e, no caso do semáforo, são sinais que nos comunicam como e quando devemos circular pela cidade.

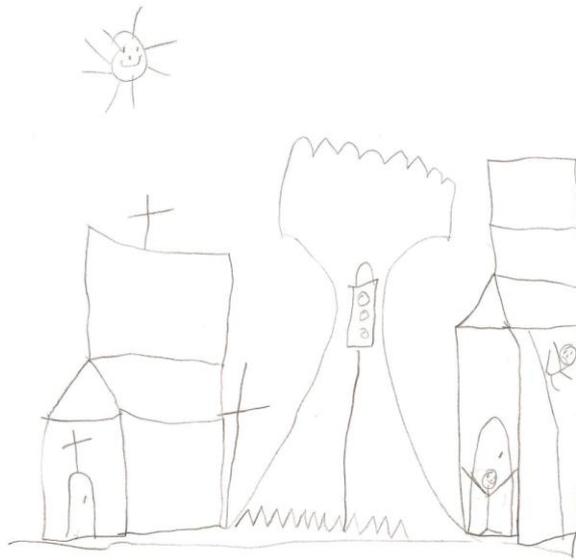


Figura 5 - Comunicação é, essencialmente, diálogo

A situação é demonstrativa do que foi escrito por Saint-Exupéry (2000) em *O Pequeno Príncipe*: “As pessoas crescidas têm sempre necessidade de explicações... Nunca compreendem nada sozinhas e é fatigante para as crianças estarem sempre a dar explicações”.

No geral, podemos refletir que as imagens que as crianças desenharam nesta atividade mostram diversos conceitos sobre a comunicação, desde o mais instrumental, representado pelos veículos de comunicação, até os mais filosóficos como o caso citado acima. Essa diversidade de concepções contribui para a que possamos ver a comunicação de vários ângulos, compreendendo-a como complexa.

Outro dado notável é a presença constante dos meios de comunicação de massa no cotidiano dessas crianças. TV, rádio e computador, mais do que meros veículos de comunicação, são caminhos percorridos para o descobrimento do mundo, de um



contexto que ultrapassa os muros de lares e escolas e está além da esquina das ruas deles.

Destaca-se, por fim, a recorrência de desenhos de telefones fixos, móveis e públicos. Apesar de serem telecomunicações (comunicações a distância) e diferentemente das relações via internet, os telefones ainda mostram a necessidade do ouvir e do falar ao outro, de um contato presente, apesar de ausente.

Considerações

A atividade realizada com as crianças do projeto Mais Educação não teve o objetivo inicial de identificar padrões de pensamento sobre a comunicação. A metodologia aplicada não nos permite fazer generalizações, tampouco nos leva a resultados precisos. Não era essa a proposta.

A ideia era, a partir dos desenhos produzidos pelos estudantes, refletir sobre como concebemos a comunicação hoje. E as crianças nos mostraram aspectos comunicacionais que, por vezes, nem profissionais, estudantes e pesquisadores da área veem com clareza ou esquecem: comunicação é, antes de qualquer coisa, interação, diálogo, relações interpessoais, estar com o outro. Ainda que as imagens de veículos de comunicação sejam recorrentes, foi lembrada também, principalmente pelas crianças mais jovens, a comunicação interpessoal.

Para além de resultados práticos e estatísticas representativas, este artigo tentou compartilhar uma experiência de aprendizado que se deu não entre especialistas, mas com crianças, pessoas que podem nos ensinar muito sobre a vida e, portanto, sobre a comunicação, se nos abaixarmos à altura delas para nos elevarmos aos seus pensamentos.

Referências bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas: Autores Associados, 2009.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Coleção PASSO-A-PASSO)

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio et. al. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.



GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009. (Coleção educação contemporânea).

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio et. al. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

PILLAR, Analice Dutra. Desenho e construção de conhecimento na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILLOTTO, S. S. D.; SILVA, M. K.; MOGNOL, L. T. Grafismo infantil: linguagem do desenho. LINHAS: Revista do PPGE/UDESC, Santa Catarina, v. 5, n.2, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1219/1033>>. Acesso em: 15 jul. 2010, 14:22.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. Dicionário de comunicação. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2000.

SANTAELLA, Lucia. Novos desafios da comunicação. LUMINA: Revista da Facom/UFJF, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2000.